

Vamos cantar Conquista? A construção do território e identidade conquistenses em músicas de Edigar Mão Branca

Shall we sing Conquista? The Conquistenses' construction of territory and identity in songs of Edigar Mão Branca

Mauricio de Oliveira Silva^{1*}, Thomas Leonardo Marques de Castro Leal², Tiago Ferraz Costa¹,
Marcos Anjos de Moura², Vivianni Marques Leite Dos Santos¹

RESUMO

As músicas estão no imaginário cultural e fazem parte do território e da identidade de um povo, retratam o cotidiano dos lugares e expressam o simbolismo das forças que os modificam. O objetivo desse trabalho é fazer uma análise da construção do território e identidade conquistense, cantadas em duas músicas, sendo elas “*Cantar Conquista*” e “*O Meu Chapéu*” do artista baiano Edigar Mão Branca e por meio desta promover uma construção histórica e sociológica da importância da música popular na construção identitária de uma região. Como resultado, percebe-se nas músicas a evocação da questão identitária e territorial, já que as letras mostram aspectos da população em suas composições. Elas falam não apenas da área urbana, mas dos distritos e suas características, além das características do sertanejo ou catingueiro e da cultura deste grupo social, apresentando qualidades identitárias do conquistense e evocam o debate acerca das canções populares na construção identitária de um território.

Palavras-chave: Territorialidade; Pertencimento; Vitória da Conquista.

ABSTRACT

Songs are in the cultural imaginary and are part of the territory and identity of a people, they portray the daily life of places and express the symbolism of the forces that change them. The aim of this work is to analyze the construction of the territory and identity of Conquista, sung in two songs, “*Cantar Conquista*” and “*O Meu Chapéu*”, by the Bahian artist Edigar Mão Branca, and through this, to promote a historical and sociological construction of the importance of popular music in the identity construction of a region. As a result, one can notice in the songs the evocation of the identity and territorial issue since the lyrics show aspects of the population in their compositions. They speak not only of the urban area, but of the districts and their characteristics, besides the characteristics of the sertanejo or catingueiro and the culture of this social group, presenting identity qualities of the conquistense and evoking the debate about popular songs in the identity construction of a territory.

Keywords: Territoriality; Belonging; Vitória da Conquista.

¹ Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF.

² Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

*E-mail: m.osilva@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As músicas fazem parte da cultura de um lugar, que cantam e contam a história, os romances, o território e a identidade de um povo. A música retrata o cotidiano dos lugares, que evoca determinados eventos espaciais com forte expressão e simbolismo para o entendimento daquilo que constrói e que modifica os territórios, ou seja, seus princípios de identidade econômica, social, política e cultural (FUINI, 2014).

O espaço enquanto resultado das ações humanas pode ser compreendido de acordo com o entendimento de Santos (1988):

O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente, da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento as formas, pois têm um papel na realização social (SANTOS, 1988, p. 9).

O “território usado são os objetos e ações, sinônimo de espaço humano e espaço habitado” (SANTOS, 2002, p. 16). Fuini et al. (2014) apresentam que o território contém formas diversas de apreensão e de manifestação individual e coletiva de um Estado, grupo cultural, classe social ou atividade econômica. Enquanto:

A territorialidade é uma forma de apreensão e representação de territórios não necessariamente controlados politicamente, mas efetivamente usados por determinados grupos/atores sociais e eventos espaciais, atendendo a objetivos políticos, econômicos ou culturais (FUINI, 2014, p. 98).

Já a identidade é compreendida pelo ponto de vista sociológico como uma construção multifacetada, que abarca desde a epigenética, os arquétipos, a sociedade, a classe social, a região, dentre outros fatores, e essa

construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos

culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço (CASTELLS, 1999, p. 23).

Para falar sobre música, seu consumo e absorção cultural é bom compreender que

o rádio introduziu a paisagem sonora surrealista, mas outros recursos eletroacústicos tem influenciado sua aceitação. A coleção de gravações que se pode observar em quase todas as casas do mundo civilizado é quase sempre eclética e bizarra e contém informações dispersas sobre diferentes períodos ou países, os quais, todavia, podem ser ordenados no mesmo fonógrafo para serem tocados em sucessivas repetições (SCHAFER, 1977, p. 140).

Assim, é possível inferir que a multiculturalidade está presente em praticamente todos os espaços sociais humanos, mesmo que exista uma cultura mais forte e evidente, haverá tempos, no popular modismos, onde uma categoria musical aparecerá mais do que outra. Na Bahia, por exemplo, é possível citar ritmos sazonais a depender da festividade, por exemplo, no carnaval o *axé music* é um ritmo dominante, seguido de pagode, samba e seu subproduto pagodão; já nas festas juninas estarão em ascensão o forró, a música sertaneja, o arrocha e estilos mais lentos ou mais animados destes, chamados de sertanejo universitário, forró elétrico, etc.

Através da discussão sobre a identidade do local, Santos (1988) considera que:

Um sistema de realidades, ou seja, um sistema formado pelas coisas e a vida que as anima, supõe uma legalidade: uma estruturação e uma lei de funcionamento. Uma teoria, isto é, sua explicação, é um sistema construído no espírito, cujas categorias de pensamento reproduzem a estrutura que assegura o encadeamento dos fatos. Se a chamarmos de organização espacial, estrutura espacial, organização do espaço, estrutura territorial ou simplesmente espaço, só a denominação é que muda, e isto não é fundamental (SANTOS, 1988, p. 9).

A partir dessa reflexão, esse trabalho propôs fazer uma análise da construção do território e identidade conquistense, cantadas em duas músicas, sendo elas “*Cantar Conquista*” e “*O Meu Chapéu*” do artista baiano Edigar Mão Branca e por meio desta promover uma construção histórica e sociológica da importância da música popular na construção identitária uma região.

METODOLOGIA

Por meio de uma pesquisa qualitativa serão analisadas a construção do território e da identidade conquistense, gentílico dos nascidos em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil (Figura 1) em duas letras de músicas do cantor Edigar Mão Branca. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Figura 1. Mapa de Vitória da Conquista, Bahia, Nordeste do Brasil.



Fonte: Rocha e Ferraz, 2005.

Como material a ser analisado estão as músicas do cantor, compositor e ex-deputado Edigar Mão Branca intituladas “Cantar conquista” e “O meu chapéu”. A partir da leitura e interpretação dessas músicas será possível visualizar uma construção social do território e da identidade, tendo como referencial o lugar de fala e interpretação do cantor.

Edigar Mão Branca (Figura 2) nasceu em Macarani, Bahia, Brasil, na data de 14 de janeiro de 1959, filho de Exupério Evangelista dos Anjos e Ridalva Viana Brito, teve sua infância em Lodo da Jega, região de Mata Fria, zona rural macaraniense, aos seis anos mudou-se com a família para Itapetinga-BA.

O cantor participou de movimento estudantil e de teatro, trabalhou no rádio, onde ganhou apelido Mão Branca devido a doença vitiligo. No final da década de 1970, foi para São Paulo onde trabalhou como músico em estabelecimentos da noite; de volta a Itapetinga voltou e aos trabalhos artísticos em rádio, que abandonou, e música, à qual se dedicou integralmente no chamado "circuito do forró" de música regional no sertão baiano.

Figura 2. Cantor Edigar Mão Branca.



Fonte: Edigar Mão Branca: Site Oficial. Disponível em:
<http://www.edigarmaobranca.com.br/index.php> Acesso em: 28 jul. 2021.

Como já apresentado, as letras de músicas a serem analisadas são “Cantar conquista” (2019) do álbum “Forró de cabra macho” (2019) e “O meu chapéu” (2008) do álbum “Eu sou mesmo é forrozeiro” (2008) (Quadro 1), do estilo musical forró e que apresenta Vitória da Conquista como a principal cidade a ser considerada *A Capital do Forró do Centro-Sul da Bahia* (NOVAIS, 2014).

Quadro 1- Letras das músicas a serem analisadas do cantor Edigar Mão Branca.

a) Cantar Conquista - Edigar Mão Branca	b) O Meu Chapéu - Edigar Mão Branca
Mongiós, Catingueiros Vamos cantar de coração Pra nossa Conquista mãe De tantos filhos guerreiros A capital do sertão Mongiós, Catingueiros Vamos cantar de coração Pra nossa Conquista mãe De tantos filhos guerreiros A capital do sertão Ser filho de Conquista é uma vitória E a nossa história cantamos com emoção Da Serra do Marçal aos Campinhos Lagoa das Flores, Poço Escuro Do Pradoso a São Sebastião Da Serra do Marçal aos Campinhos Lagoa das Flores, Poço Escuro Do Pradoso ao meu São Sebastião Conquista do frio, dos festivais, Toa Toa, São João De Glauber Rocha, Elomar, Cajaíba Massicas, Batuque e Simão Massicas, Batuque e Simão Massicas, Batuque e Simão Mongiós, Catingueiros Mongiós, Catingueiros Vamos cantar de coração Pra nossa Conquista mãe De tantos filhos guerreiros A capital do sertão Mongiós, Catingueiros Vamos cantar de coração Pra nossa Conquista mãe De tantos filhos guerreiros A capital do sertão Ser filho de Conquista é uma vitória E a nossa história cantamos com emoção Da Serra do Marçal aos Campinhos Lagoa das Flores, Poço Escuro Do Pradoso a São Sebastião Da Serra do Marçal aos Campinhos Lagoa das Flores, Poço Escuro Do Pradoso ao meu São Sebastião Conquista do frio, dos festivais, Toa Toa, São João De Glauber Rocha, Elomar, Cajaíba Massicas, Batuque e Simão Massicas, Batuque e Simão Massicas, Batuque e Simão Mongiós, Catingueiros (EDIGAR MÃO BRANCA, 2019).	Deixe o meu chapéu, deixe o meu chapéu Esse meu chapéu é meu tesouro Deixe o meu chapéu, deixe onde ele está Em qualquer lugar o meu chapéu é de couro (2x) Eles tentaram invocar com meu chapéu Não tiro, é preconceito, é desaforo Com tanta coisa no Brasil pra concertar E eles acham de encrencar logo com o meu chapéu de couro. Não tiro não, é desaforo e eles acham de encrencar logo, com o meu chapéu de couro. Deixe o meu chapéu, deixe o meu chapéu Esse meu chapéu é meu tesouro Deixe o meu chapéu, deixe onde ele está Em qualquer lugar o meu chapéu é de couro (2x) O nordestino se sentiu desrespeitado Com esse ato que não quero ver de novo Falei um dia, hoje volto a repetir É melhor usar chapéu, do que dar chapéu no povo Não tiro não, falo de novo É melhor usar chapéu, do que dar chapéu no povo Deixe o meu chapéu, deixe o meu chapéu Esse meu chapéu é meu tesouro Deixe o meu chapéu, deixe onde ele está Em qualquer lugar o meu chapéu é de couro (2x) O nordestino se sentiu desrespeitado Com esse ato que não quero ver de novo Falei um dia, hoje volto a repetir É melhor usar chapéu, do que dar chapéu no povo Não tiro não, falo de novo É melhor usar chapéu, do que dar chapéu no povo (EDIGAR MÃO BRANCA, 2008).

Fonte: <https://www.letras.mus.br/>, 2022.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da primeira música, cujo título é “Cantar Conquista” é iniciada indicando os aspectos locais da cidade e também da Mesorregião do Centro-Sul Baiano, ao qual a cidade faz parte. A primeira estrofe musical já começa informando um dado histórico da cidade, apresentando os povos que habitavam e habitam essa região, como apresentado, *Mongoiós, Catingueiros, Vamos cantar de coração, Pra nossa Conquista mãe, De tantos filhos guerreiros, A capital do sertão.*

O curioso e redundante nome da cidade de Vitória da Conquista, no estado da Bahia, Brasil, está ligado à conquista imposta aos índios Pataxó, Mongoyó e Ymboré, que se abrigavam na região da Ressaca, entre o Rio Pardo e o Rio de Contas, mortos em confronto com os colonizadores (OLIVEIRA, 2015).

Conta-se que os Mongoyó, sempre valentes guerreiros, continuavam a sofrer e não esqueciam as derrotas passadas perante os colonizadores e preparavam vinganças, mesmo depois de firmar acordo de paz (WIED-NIWIED, 1989). Dessa forma, a música resgata a etnia mongoiό, dentro do contexto histórico do município, sendo um dos três grupos indígenas originais do território.

A expressão catingueiro revela uma outra peça da construção da identidade cultural da cidade, a sua localização dentro de transição de grandes biomas brasileiros Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado, dão origem a um ecossistema exclusivamente baiano, a mata de cipó (SILVA, 2020). O termo catingueiro traz a referência à Caatinga e seu povo trabalhador, que busca a sobrevivência dentro desse território semiárido, em meio as secas e abandonos dos governos e do Estado.

Matos (2015), ao aplicar uma pesquisa para compreender a Caatinga e o catingueiro, obteve como resultado que um grupo de alunos tinha uma representação de catingueiro, sendo uma pessoa de aparência humilde e descuidada, possivelmente explicada pelo seu modo de vida, sua humildade é também caracterizada pelo trabalho pesado na pecuária e baixa escolaridade, representada pela linguagem e pela associação com poucas oportunidades, tendo uma outra face representada como um agente transformador do ambiente natural. O que justifica o termo “guerreiro” presente na música, um povo que mesmo na adversidade continua, não esmorece, permanece na labuta, é resiliente como os cactos que vivem e florescem mesmo durante as secas nas terras da Caatinga.

Para finalizar essa primeira parte, a *capital do sertão* é um título referente a Vitória da Conquista devido ela ser uma cidade metrópole, ou também chamada capital regional, de oitenta municípios da região sudoeste da Bahia e de dezesseis do norte de Minas Gerais (PORTO; SANTANA-JÚNIOR; NASCIMENTO, 2017; CRECI-BA, 2018).

Dando continuidade a leitura da letra musical, as próximas estrofes cantam que *Ser filho de Conquista é uma vitória, E a nossa história cantamos com emoção, Da Serra do Marçal aos Campinhos, Lagoa das Flores, Poço Escuro, Do Pradoso a São Sebastião*. Há um jogo de palavras com a redundância de vitória e conquista, retoma-se também a história de fundação da cidade a qual narra a fatídica luta entre colonos e indígenas, na qual ocorreu o “banquete da morte”, onde após uma suposta trégua e uma festividade de colonos aos indígenas, houve envenenamento dos índios e os homens brancos venceram a guerra, dedicando a vitória a Nossa Senhora das Vitórias, como conta Oliveira (2012).

Após essa retomada, o cantor vai citando povoados, bairros e espaços da cidade que marcam sua identidade, como a Serra do Marçal, uma formação rochosa que abriga a BR-415, que varia entre 850 a 400 metros e possui curvas sinuosas, está envolta por Mata Atlântica e liga a região ao sul da Bahia, era essa uma estrada com muitos acidentes e que recebia grandes quantidades de “paus de arara”, transporte que levava romeiros as festividades de Bom Jesus da Lapa – BA.

É nesta serra também que é encontrada a já tradicional “pamonha do Marçal”, feita a partir de milho plantado nas redondezas. Esta área faz parte da borda do Planalto Sul-Baiano (altiplano de Vitória da Conquista), em que a vegetação de Mata Atlântica se transforma em costeiras e orográficas, cujo nome popular é “matas frias” devido à temperatura amena devido à altitude da serra, porém apresentando um alto índice de pluviosidade, comparada à caatinga, o que justifica a vegetação adensada e alta (AB’SABER, 2003).

Também, há menção a Lagoa da Flores, bairro de cultura agrícola muito importante no abastecimento de hortifrutigranjeiros ao município, além de produzir flores, o que rendeu o seu nome. Já o Poço Escuro, é um referencial paisagístico e de meio ambiente, uma reserva ambiental de Mata Atlântica que compõe o Parque Municipal da Serra do Periperi (SILVA, 2020). Enquanto o Pradoso e São Sebastião são

distritos que compõem o município, de cultura mais roceira, e nos termos locais, catingueiras, que também contribuem com culturas agrícolas.

O cantor ainda apresenta características sobre o clima do município ao cantar “*Conquista do frio, dos festivais, Toa Toa, São João*”. Vale lembrar que o apelido carinhoso da cidade é “Suiça Baiana” em referência ao seu clima mais frio. De um modo geral, o município de Vitória da Conquista tem um clima bem ameno, influenciado pela altitude local, chegando a registrar temperaturas baixas nos meses frios de inverno, entre os meses de maio a julho, chegando aos 5° C durante as madrugadas (BRITO; BLATT; SILVA, 2010).

Em uma de suas entrevistas, Mão Branca (2014) citado por Novais (2014), afirma que “Conquista tem clima favorável, comércio forte, estrutura hoteleira e um povo que gosta de forró. A gente pode transformar a cidade na capital do São João baiano” (NOVAIS, 2014). Essa afirmação reforça a identificação que o cantor tem pela cultura conquistense.

Consequentemente, os festivais são referentes às festas, as festividades e comemorações juninas como o São João comemorado no espaço público Glauber Rocha e a festa privada “São Pedro Toa Toa”, caracterizadas como típicas festas juninas nordestinas, e o “Festival de Inverno Bahia (FIB)”, um dos maiores festivais de música do Nordeste com atrações nacionais e regionais dos diversos estilos musicais, organizado pela Icontent, empresa atuante no entretenimento ligada aos produtos Rede Globo, sendo estas, comemorações tradicionais nos meses mais frios do ano, entre junho e agosto.

Por fim, o cantor exalta artistas da terra, ao entoar *De Glauber Rocha, Elomar, Cajaíba, Massicas, Batuque e Simão*. Frazão (2021, on-line) apresenta que

Glauber Rocha (1939-1981) foi cineasta brasileiro. Um dos responsáveis pelo movimento de vanguarda intitulado “Cinema Novo”. Produziu filmes de grande repercussão, entre eles, “Terra em Transe” e “Deus e o Diabo na Terra do Sol”. Glauber Pedro de Andrade Rocha nasceu em Vitória da Conquista, Bahia, no dia 14 de março de 1939.

O Itaú Cultural (2019), apresenta que Elomar Figueira Mello, nasceu em Vitória da Conquista, Bahia, 1937, é um compositor, violonista e cantor, filho de Ernesto S. Mello e Eurides Figueira Mello e contribui substancialmente para a cultura musical brasileira. Enquanto Cajaíba, de nome “Aurino Cajaíba da Silva nasceu no dia 25 de

novembro de 1917, em Itaquara, município baiano próximo à Jaguaquara. Criado em Jequié, o artista plástico veio para Vitória da Conquista no final dos anos 50, onde se estabeleceu” (THIBES; MARQUES, 2014, on-line).

A cidade mantém o Museu Cajaíba,

Localizado no alto da Serra do Periperi, guarda uma história com um importante valor cultural para Vitória da Conquista e região sudoeste. O espaço foi construído pelo artista-plástico Aurino Cajaíba, falecido há alguns anos, e é zelado atualmente pelo seu filho, Edvaldo Cajaíba. As esculturas, confeccionadas com cimento e ferro, povoam os 6 mil metros quadrados do museu. Ainda em vida, Aurino contava cerca de 200, mas com o tempo elas foram se perdendo e degradando e hoje resistem por volta de 180 obras. “É um grande legado que o artista deixou para a cidade, com obras inspiradas na história do Brasil, expostas ao ar livre”, comenta Edvaldo.

Além dessas, “existem obras de Cajaíba em diversas cidades baianas. Em Vitória da Conquista, a mais famosa se encontra em frente ao tiro de guerra, conhecida como ‘Os Três Pracinhas’”, explica o filho do escultor.

O museu começou a ser criado em meados da década de 60. Cajaíba esculpia numa sala que ficava dentro do espaço e foi expondo seus trabalhos ao redor desse ambiente. Hoje, ao caminhar por ali, é possível ter a sensação de estar vivendo a história dos nossos antepassados, em um jardim de pedra (THIBES; MARQUES, 2014, on-line).

Enfim, canta Batuque e Simão, mais dois povoados da cidade, sendo que esses produzem e fornecem raízes de mandioca para a produção dos biscoitos da cidade, o que garante a produção dos tradicionais biscoitos “avoador”, chimango e sequilhos, marca reconhecida do município, muita vezes lembrada como a terra dos biscoitos², o que traduz uma característica gastronômica e cultural da cidade e pode gerar uma indicação geográfica (IG).

A partir da segunda música intitulada de “O meu chapéu”, buscou-se abordar sobre o lugar de fala e da identidade, onde Mão Branca traz à tona a questão da representação do povo da Caatinga ou dos roceiros e vaqueiros do Brasil. “Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade” (RIBEIRO, 2017, p. 47).

² Terra dos biscoitos: Sequilhos são tradição alimentar icônica em Conquista: cidade fabrica mais de 4,6 mil toneladas por ano. Disponível em: <https://especiais.correio24horas.com.br/destinos/vitoria-da-conquista/terra-dos-biscoitos/> Acesso em: 30 jul. 2022.

As ações humanas resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam a funções. Essas funções, de uma forma ou de outra, vão desembocar nos objetos (SANTOS, 2002). Nesta leitura, Edigar Mão Branca, fala de seu lugar de fala, de homem, nordestino, mestiço, vaqueiro... “O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados” (RIBEIRO, 2017, p. 47).

Para falar sobre identidade, tomou-se como necessidade o paradoxo do navio de Teseu. De uma forma resumida, Lopes (2018, on-line), conta a problemática e faz ainda outros apontamentos de filósofos como Heráclito, Aristóteles, Leibniz, Hobbes e Locke, ao qual será utilizada na perspectiva de compreensão do que é identidade.

Fruto de uma relação dupla de Edra com Egeu (rei de Atenas) e Poseidon (deus dos mares), Teseu foi importante na mitologia grega. Sua façanha mais conhecida foi derrotar o Minotauro no labirinto de Creta, que se alimentava anualmente de sete rapazes e sete moças atenienses, como parte do tributo imposto pelo rei de Creta.

Vidas Paralelas, o pensador grego Plutarco, propõe o seguinte: Teseu parte de navio do ponto A para o ponto B. Mas, ao longo de uma viagem de 50 anos, vai substituindo cada peça do barco conforme se desgasta, até que todas tenham sido trocadas. Eis o paradoxo: dá para dizer que o navio que chegou em B é o mesmo que saiu em A? Ou já é outro?

Muitos filósofos tentaram solucionar o enigma. Heráclito comparou o navio e suas peças a um rio: suas águas são constantemente renovadas, mas ele é sempre o mesmo. Aristóteles estabeleceu que uma coisa é definida por quatro causas: a formal, a material, a final e a eficiente. Em sua análise, entre os pontos A e B, o navio só mudava sua causa material, então ainda era o mesmo.

Filósofos modernos também palpitarão. Gottfried Leibniz concluiu que não, usando a lógica de que “X é o mesmo que Y se, e apenas se, X e Y têm as mesmas propriedades e relações e tudo que for verdade para X também é Y”. Já Thomas Hobbes jogou lenha na fogueira: se um segundo barco for montado com as peças jogadas fora, qual dos dois será considerado o navio de Teseu?

O paradoxo também ganhou novas versões. O filósofo John Locke pensou em uma meia furada: se o buraco for remendado, ela continuaria sendo a mesma meia? Se um dia o teletransporte for possível e alguém for “desmontado” molecularmente no ponto A e remontado no ponto B... Vai ser a mesma pessoa? Será que terá as mesmas memórias e a mesma personalidade? (LOPES, 2018, on-line).

Com essas reflexões, criar a identidade de uma pessoa não é fácil, quem dirá a de um território, ao utilizar uma pessoa, a problemática pode ser observada sobre o prisma de que a identidade individual é tida no cérebro, na mente, e que mesmo se ocorrer a substituição de uma órgão, por exemplo, um transplante de rim ou fígado, a identidade permanece, não sendo o cérebro órgão doável, o que faria ter uma perda de identidade estaria ligado a uma doença degenerativa, ao qual o indivíduo deixa de se reconhecer como tal. Nessa perspectiva, também “não se pode percorrer duas vezes o mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado; por causa da impetuosidade e da velocidade da mutação, esta se dispersa e se recolhe, vem e vai” (HERÁCLITO, 1996, p. 329).

Assim como o barco e as águas dos rios e mares, o território sofre mudanças, sempre há impermanências. O território tem como sinônimo pertencer àquilo que nos pertence, dando ideia de exclusividade e limite, sendo ele espaço de vivência e de reprodução (SANTOS; SILVEIRA, 2001), este espaço é mutável, dinâmico, construído e reconstruído.

Como ponto de partida para compreensão da identidade de um território, Costa (1991, p.20) pontua que “os termos identidade, *self*, caráter e personalidade têm sido usados para definir a unicidade que diferencia o indivíduo dos outros; uma distinção clara entre os termos é, no entanto, difícil de estabelecer”. Para se trabalhar a identidade a partir das músicas de Edigar Mão Branca, é necessário utilizar a identidade social. Para Tajfel (1981), a identidade social pode ser definida como o conjunto formado pelo autoconceito do indivíduo, sua pertença grupal e a valoração atribuída a esta pertença.

Santos (1988, p. 13) considera que:

Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, "únicos". Isto se deve à especialização desenfreada dos elementos do espaço - homens, firmas, instituições, meio ambiente -, à dissociação sempre crescente dos processos e subprocessos necessários a uma maior acumulação de capital, à multiplicação das ações que fazem do espaço um campo de forças multidirecionais e multicomplexas, onde cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais por um nexos único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal.

Sob a ótica de Tajfel (1981), Fernandes e Pereira (2018, p. 35) analisam que, “por mais que seja complexa a visão de si próprio em relação ao mundo físico e social,

certos aspectos dessa visão constituem uma importante contribuição de sua pertença a determinados grupos ou categorias sociais”. O lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica (SANTOS, 2006).

Assim, considerando que a identidade social está associada ao conceito de pertença grupal, evocado pela categorização social, o significado emocional e avaliativo resultante dessa pertença deriva no favoritismo do endogrupo em detrimento do exogrupo (TAJFEL; TURNER, 1979).

Em 18 de abril de 2007, Edigar Mão Branca fez um discurso, ao qual foi disposto no Congresso em Foco (2007, on-line) apresentando sobre crimes de racismo aos nordestinos e traduz uma pertença ao endogrupo nordestino e também ao catingueiro, o discurso pode ser conferido abaixo:

"Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, quando me inscrevi para discursar neste plenário, tinha em mente falar de um jornalista que desceu a ripa nos nordestinos, no jornal O Estado do Paraná, no último dia 11 de fevereiro, através de um artigo do intitulado "Um mundo que parou no tempo". Eu chamo até a atenção da bancada dos nordestinos para que atentem sobre este artigo, que deixarei anexado a este pronunciamento, pois esse Senhor ofendeu muita gente colocando no jornal o que ele imaginou.

O Senhor sabe o que ele falou, Senhor Presidente? Ele define o povo nordestino como ladrão, que vive em cidades imundas, que não têm noção de limpeza, de educação, de respeito entre eles mesmos e o caracteriza como "mamelucos e cafuzos". Nós sabemos que essa não é a primeira nem a última vez que atacam o nordestino, mas é hora de exigir dessa Casa que tome providências. Afinal, aqui representamos mais de 34 milhões de nordestinos.

Pois é. Falarei desse artigo por entender que o preconceito é coisa de gente ignorante, que não sabe valorizar a cultura de um povo. Mas vejo que me enganei. Hoje percebo que também sou vítima da intolerância quando falam tanto em tirar o meu chapéu.

Por que esse chapéu incomoda tanto? Se para muitos é ridículo o meu chapéu, para tantos também é a peruca, o brinco, o piercing, a tatuagem, o cabelo comprido e nem por isso há perseguição aos que usam isso.

Além desse chapéu ser parte de mim, de me sentir mutilado sem ele, eu posso citar outros parlamentos do mundo, como a China, onde o parlamentar pode representar a sua cultura, a sua região. Isso sim considero evolução política.

Com esse meu chapéu, além de me sentir bem com ele, gostaria que ele fosse a representação de uma classe, de um povo, de uma gente quase sempre vítima do esquecimento político deste país: o nordestino, o vaqueiro, o trabalhador rural, esses bravos que não

foram criados com *Toddy*. O que se percebe neste país é que quem foi criado com *Toddy* jamais se sensibiliza com o problema do pobre.

A classe dos vaqueiros, por exemplo, profissão até hoje não regulamentada - e que lutarei por isso - é uma classe sofredora, sabe o que é o peso da lida, sofrimento com a seca, um salário baixo e a responsabilidade com o patrimônio do patrão.

Ainda essa semana, cantando para um grupo de vaqueiros na cidade de Ribeirão do Largo, na Bahia, eles diziam em uma faixa: "Pior do que usar chapéu é viver dando chapéu no povo!".

A conotação que se deu no país inteiro é que existe uma briga travada entre eu, Edigar Mão Branca e o Presidente desta Casa, quando na realidade, eu quero deixar claro é o meu respeito não só a ele como a todos os colegas parlamentares e dizer a todo o povo brasileiro, especialmente ao de meu Estado, de minha Região, que não vou ficar preso a essa discussão.

O que eu quero é cumprir a minha missão de trabalhar contra a fome neste país, que certamente não é somente a fome de comida e, sim, fome de justiça, fome de inclusão social, fome de educação, fome de respeito aos humildes.

Também, o excesso de obediência de alguns nos preocupa quando dizem "se é para cortar o cabelo eu corto. Se é para tirar o brinco eu tiro!" O que diríamos ao povo na plena liberdade de uso de tudo isso? Se fosse apresentado um Projeto de Lei proibindo o uso desse modismo esses parlamentares votariam a favor?

O que representa um chapéu para vocês? O Lula monta mobinete, coloca boné, chapéu, camiseta e é Presidente da República. Será que com um pensamento preconceituoso e atrasado como esse não estaríamos assinando atestado de conformismo com o cargo de Deputado Federal?

Sei que a imagem do chapéu passa para muitos a impressão que sou matuto. Isso não me espanta e nem me envergonha. E sei que de tanto matutar acabei sendo matuto mesmo. Acho até que de tanto matutar decidi me candidatar. Matutei muito, por exemplo, sobre como é que vão resolver o problema da pobreza se quem discute nunca passou fome? Querem resolver o problema do crime sem ouvir o criminoso. Querem resolver o problema da droga sem ouvir o drogado. É o mesmo que querer legislar sem ouvir o povo!

Que essa discussão, baseado no que já falei, tenha um fim, porque até o momento ainda não, mas posso me sentir constrangido e ter que tomar outras providências mais sérias.

Aproveito para agradecer o apoio que recebi de todos os segmentos da sociedade brasileira e dos colegas parlamentares, apesar de que percebi em alguns depoimentos que existe um atraso muito grande na forma de pensar de alguns colegas quando citam exemplos de longos anos atrás, se esquecendo de que o mundo atual exige um pensamento voltado para o futuro.

Por fim, gostaria de tornar pública uma ideia de um cidadão bastante orgulhoso de nossas cores, que me chegou através de e-mail, dentre vários que tenho recebido em apoio, que poderia ser acolhida por esta Casa: "Invés de baixo astral, depressão, imagem na lama, a Câmara Federal deveria começar as suas sessões com um som regional. Todo mês, um estado da federação".

Esse fatídico crime de racismo contra o nordestino e as manifestações contra o ato foram inspiração na escrita da letra de “O meu chapéu”, artigo de vestuário questionado dentro da câmara de deputados, mas que marca uma identidade de toda uma região do Brasil, consequentemente do catingueiro das terras do Centro-Sul Baiano e Vitória da Conquista. Há uma entonação na frase “é melhor usar chapéu do que dar chapéu no povo”, referente as ações inescrupulosas dentro do cenário político do Brasil, com escândalos de corrupção e crimes cometidos pelos políticos legitimamente eleitos pelo povo.

O chapéu de couro constitui o ponto de concentração simbólica do traje do cangaceiro, uma espécie de coroa de um rei sem trono. Como expressão de arte, ele tem vida própria devendo ser apreciado no conjunto dos elementos que o compõem. O movimento cangaceiro é compreendido como bem cultural intangível do nordeste brasileiro, podendo ser considerado como um dos principais responsáveis pela identidade regional, tendo em vista que se trata de um movimento tipicamente nordestino (SILVA, 2011; SANTOS, 2016).

O chapéu de couro é de uso exclusivo dos homens, pois as mulheres usavam um chapéu de feltro com formato diferente acompanhado de um punhal que configuram expressões da arte popular brasileira. Estes adereços estão impregnados de um simbolismo marcado esteticamente por um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados no tempo e no espaço (SILVA, 2011).

Nesse sentido, a música “o meu chapéu” apresenta uma identidade catingueira, do roceiro e/ou matuto empoderado, agora já não mais se tem um termo pejorativo, mas uma resistência de um povo que por muitas vezes não foi ouvido e sim criado uma história destorcida sobre ele. É o chamado perigo da história única, a partir do dominante que constrói uma identidade vista de fora sob o prisma da violência simbólica.

Como afirma Adichie (2019, p. 33) “quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso”. Mão Branca ao ressignificar o chapéu como um símbolo de resistência e identidade nordestino tenta quebrar a história única do povo sem educação e pobre sofrido que permeia o imaginário brasileiro visto em histórias sob a ótica europeia ou do Sul-Sudeste do Brasil e lança discussão para acabar com a violência simbólica, sendo

violência simbólica toda coerção que só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante (portanto à dominação) quando, para pensar e se pensar ou para pensar sua relação com ele, dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante e que faz com que essa relação pareça natural (BOURDIEU, 1997, p. 204).

Portanto, as duas músicas expostas apresentam questões ligadas à identidade regional das pessoas que residem nestas áreas, seja pelo vestuário ou por características que diferenciam tais residentes de outras pessoas e busca apresentar uma visão positiva a partir dessas particularidades gerais presentes na cultura e construção do território e identidade conquistenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente artigo, percebe-se que a questão identitária fica evidente nas obras do artista Edigar Mão Branca, nas músicas “Cantar Conquista” e “O Meu Chapéu”, pois as letras mostram aspectos da população que são retratados nas composições citadas.

A música “Cantar Conquista”, primeira letra analisada no trabalho evidencia as características presentes no território em que é compreendido o município de Vitória da Conquista – BA, em que são citados aspectos da área urbana, não apenas na cidade como nos distritos municipais, bem como características da área rural do município. Enaltece os aspectos demonstrando um sentimento de pertencimento a região em que é cantada.

Na segunda música, que possui o título “O Meu Chapéu”, também composta pelo mesmo artista em questão, evidencia a relação que o chapéu de couro tem com a característica do sertanejo ou também apresentado como o catingueiro, sendo ele um acessório que está ligado à cultura de uma sociedade, não sendo restrito a um acessório estético e sim identitário e cultural, em que a relação do sertanejo com o chapéu de couro é íntima e legítima, que causa estranhamento em pessoas com outras características culturais.

Consequentemente, as duas letras mostram um sentimento de pertencimento, tanto com o local, quanto com as características deste povo que é refletida no uso do chapéu, como é o caso da segunda composição analisada. Então, as músicas em questão visam trazer uma ponderação sobre uma construção do sentimento de pertencimento ao território citado na música, e ainda apresentando características identitárias do

conquistense, declamadas nas duas músicas, com o intuito de promover um debate acerca das canções populares na construção identitária de um território.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. v. 1, Ateliê editorial, 2003.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2019.

BOURDIEU, P. **Meditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.

BRITO, M. S.; BLATT, N.; SILVA, J. G. Proposta de plano estratégico para a cidade de Vitória da Conquista – BA. As áreas verdes na qualidade de vida da população. **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos: crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e esperança**. ENG, Porto Alegre, 2010.

CASTELLS, M. **“A construção da identidade”**. In: O poder da identidade. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CONGRESSO EM FOCO. **Mão Branca afirma se sentir “mutilado” sem chapéu**. Portal Congresso em Foco. 2007. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/mao-branca-afirma-se-sentir-mutilado-sem-chapeu/> Acesso em: 26 jun. 2021.

COSTA, M. E. **Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade**. Lisboa: INIC, 1991.

CRECI-BA. Conselho Regional de Corretores de Imóveis. **Mercado Imobiliário Aquecido na Suíça Baiana**. 2018. Disponível em: <http://www.creciba.gov.br/mercado-imobiliario-aquecido-na-suica-baiana/> Acesso em: 06 jul. 2021.

EDIGAR MÃO BRANCA. **Cantar Conquista**. Forró de Cabra Macho, Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8gF4bH4NWTo> Acesso em: 10 jul. 2021.

EDIGAR MÃO BRANCA. **O meu chapéu**. Eu Sou Mesmo É Forrozeiro: NANY CDS, Youtube, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z4Zd65gfLYg> Acesso em: 10 jul. 2021.

FERNANDES, S. C. S.; PEREIRA, M. E. Endogrupo versus Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, p. 30-49, 2018.

FRAZÃO, D. **Glauber Rocha**: cineasta brasileiro. E-Biografia. 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/glauber_rocha/ Acesso em: 08 jul. 2021.

FUINI, L. L. Territórios e territorialidades da música: uma representação de cotidianos e lugares. **GEOUSP – Espaço e Tempo** (Online), v.18, n.1, p. 97-112, 2014.

FUINI, L. L.; FARIAS, A. M.; GOMES, E. C. S.; MACHADO, S. A. P. Território, territorialização e territorialidade: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. In: **II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores**, São Paulo, 2014.

HERÁCLITO. **Fragmentos (Sobre a natureza)**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

ITAÚ CULTURAL. **Elomar**. Enciclopédia Itaú Cultural. 2019. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa560680/elomar> Acesso em: 08 jul. 2021.

LOPES, V. O que é o paradoxo do navio de Teseu? **Super Interessante**, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-o-paradoxo-do-navio-de-teseu/> Acesso em: 05 jul. 2020.

MATOS, E. C. A. Relações Culturais entre Alunos do Sertão Sergipano e o Bioma Caatinga. **Anais IX Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**, São Cristóvão, SE, Brasil. Aracaju: Educon, v.9, n.1, p.1-9, 2015.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOVAIS, M. **Mão Branca acredita que Vitória da Conquista pode se tornar a capital do São João na Bahia**. Resenha Geral. 2014. Disponível em: <https://www.blogdaresenhageral.com.br/tag/edigar-mao-branca/> Acesso em: 10 jul. 2021.

OLIVEIRA, R. F. Índios Paneleiros no Planalto da Conquista: do Massacre e o (Quase) Extermínio aos Dias Atuais. **Dissertação**. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-graduação em História. Salvador, BA. 2012.

OLIVEIRA, R. F. Memória e História da Posse das Terras Indígenas da *Batalha*, No Planalto Da Conquista– Bahia: Narrativas e Oralidades. **Escritas**, v.7 n.2, p. 22-39, 2015.

PORTO, L. R.; SANTANA-JÚNIOR, G.; NASCIMENTO, H. M. Rede urbana do estado da Bahia: o caso de Vitória da Conquista (BA). **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**, a.19, v.2, n.37, p.82-110, 2017.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, A. L. S. O irredentismo no Nordeste demonstrado no chapéu do cangaceiro. **Anais V Congresso Sergipano de História e V Encontro de História da ANPUH/SE**. Aracajú/SE, 2016.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, M. **O retorno do território**. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L., Território: Globalização e fragmentação. 5ª. Ed., São Paulo: Hucitec/Anpur, 2002.

SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do séc. XXI**. RJ: Record, 2001.

SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SILVA, E. Q. R. Entre o chapéu estrelado e o punhal: o imaginário do cangaço em terras brasileiras. **Revista Inelências**, n.2, v.1, p.39-53, 2011.

SILVA, M. O. **Percepção socioambiental de visitantes do Parque Municipal Serra do Periperi no Nordeste brasileiro**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Itapetinga, Bahia, 2020.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais**. Lisboa: Livros Horizonte. 1981.

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. An integrative theory of intergroup conflict. In: AUSTIN, W. G.; WORCHEL, S. (Eds.). **The social psychology of intergroup relations**. Monterey, CA: Brooks/Cole, p.33-47. 1979.

THIBES, A.; MARQUES, A. P. O jardim que guarda a história em cimento e pedra. **Revista Gambiarra: Jornalismo, cultura e ativismo**, 2014. Disponível em: <https://revistagambiarra.com.br/site/museu-cajaiba-o-legado-de-um-artista-plastico-pede-atencao-dos-conquistenses/> Acesso em: 08 jul. 2021.

WIED, NEUWIED. Príncipe Maximiliano, **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Edusp, p.428– 429, 1989.

Recebido em: 03/07/2022

Aprovado em: 05/08/2022

Publicado em: 10/08/2022